

A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO NA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Autoria

Isabela Aragão Maia

Administração/Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Professor Orientador

Tereza Cristina Pinheiro de Lima

Resumo

O objetivo deste estudo consiste em analisar o processo de internacionalização do ensino superior, aprofundando-se na mobilidade estudantil, com estudo de caso na PUC Goiás. Discute-se a importância do processo de internacionalização, tanto para as Instituições como para os estudantes no Brasil e em Goiás. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa exploratória descritiva com análise qualitativa a partir dos últimos 5 anos e aplicação de questionário aos 107 alunos que realizaram intercâmbio pela PUC Goiás e dos últimos 10 alunos que vieram do exterior, além da entrevista com o assessor de Relações Internacionais. Os resultados revelam fator de crescimento pessoal por meio da vivência multicultural, a importância da internacionalização e seus amplos benefícios. Para o país emissor, a possibilidade de ter profissionais mais qualificados e integrados com o mundo e quanto ao país receptor, a possibilidade de influência, aumentando assim a cooperação. Ressalta-se a relevância desse tema para os benefícios obtidos pelos alunos como o desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional, desenvolvimento de habilidades, inteligência emocional, capacidade de adaptação, domínio de outros idiomas, criação de novas perspectivas, vivência de outras culturas, possibilitando assim uma maior resiliência a um ambiente multicultural.

ÁREA TEMÁTICA: Ensino, Pesquisa e Capacitação Docente em Administração

A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO NA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Resumo:

O objetivo deste estudo consiste em analisar o processo de internacionalização do ensino superior, aprofundando-se na mobilidade estudantil, com estudo de caso na PUC Goiás. Discute-se a importância do processo de internacionalização, tanto para as Instituições como para os estudantes no Brasil e em Goiás. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa exploratória descritiva com análise qualitativa a partir dos últimos 5 anos e aplicação de questionário aos 107 alunos que realizaram intercâmbio pela PUC Goiás e dos últimos 10 alunos que vieram do exterior, além da entrevista com o assessor de Relações Internacionais. Os resultados revelam fator de crescimento pessoal por meio da vivência multicultural, a importância da internacionalização e seus amplos benefícios. Para o país emissor, a possibilidade de ter profissionais mais qualificados e integrados com o mundo e quanto ao país receptor, a possibilidade de influência, aumentando assim a cooperação. Ressalta-se a relevância desse tema para os benefícios obtidos pelos alunos como o desenvolvimento e crescimento pessoal e profissional, desenvolvimento de habilidades, inteligência emocional, capacidade de adaptação, domínio de outros idiomas, criação de novas perspectivas, vivência de outras culturas, possibilitando assim uma maior resiliência a um ambiente multicultural.

Palavras chave: ensino superior; internacionalização; mobilidade estudantil

INTRODUÇÃO

Com o advento da globalização, o mundo está cada vez mais conectado através dos meios de comunicação. A ampliação desse resulta em troca de informações cada vez mais rápidas, ultrapassando divisões territoriais e políticas governamentais, permitindo, assim, que o conhecimento rompa fronteiras. Tal mudança pressiona as universidades a se adaptarem a essa nova realidade e traz à tona um assunto que cada vez mais tem se tornado destaque em debates acadêmicos e em congressos internacionais: a internacionalização do ensino, em especial a mobilidade estudantil que é uma das suas vertentes (LIMA e MARANHÃO, 2009; ALTBACH e KNIGHT, 2007; STALLIVIERI, 2003).

A mobilidade acadêmica constitui-se da possibilidade de alunos de uma instituição de ensino superior realizarem seus estudos fora da instituição a qual pertencem, trazendo consigo a ideia de um relacionamento internacionalizado, sendo um caso particular de mobilidade acadêmica (Cabral e Silva, 2011).

Com o objetivo de traçar essa estratégia a respeito da visibilidade e conectividade, a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) criou no ano de 1991 a Assessoria de Relações Internacionais (ARI), para celebrar convênios com outras instituições, oferecer aos alunos, através de programas de mobilidade, a oportunidade de expandir os conhecimentos estudando no exterior, bem como auxiliar os estudantes que optam pela PUC para realizar seu intercâmbio.

Como objetivo geral, o estudo visa identificar como ocorreu o processo de expansão da internacionalização do ensino superior na PUC Goiás, contextualizando com a realidade mundial, por meio de uma análise a partir de pesquisas bibliográficas, documental e de campo. Assim, trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva com análise qualitativa. Como objetivos específicos, o estudo mostra a história da internacionalização, o conceito, sua relevância para os países, IES e alunos, a internacionalização ativa e passiva, o evolutivo da mobilidade entre os países, a história da PUC Goiás e a criação da ARI.

A problematização que orienta a presente pesquisa está alicerçada nas seguintes questões: como se deu o processo de internacionalização no Brasil e em Goiás? Como tem sido o fluxo de alunos no processo de internacionalização nos últimos 5 anos na PUC Goiás? O que motiva os alunos a realizarem a mobilidade? Qual a importância desse processo no ensino e para o aluno?

Para atender a esses objetivos, estrutura-se a fundamentação teórica a partir do conceito de internacionalização com foco na mobilidade estudantil, uma análise desse fenômeno no Brasil e em Goiás. Apresentar-se-á o capítulo de resultados explicitando a coleta e análise de dados apresentando uma discussão acerca da mobilidade estudantil na PUC Goiás nos últimos 5 anos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Internacionalização do Ensino Superior

A significativa expansão do processo de internacionalização se deu após o advento da globalização. Cenerino e Silva (2008) afirmam que a globalização provoca interdependência entre os países, interliga economias, homogeneiza culturas, confere fluidez à informação, ao conhecimento e à pesquisa. A globalização força às Instituições de Ensino Superior (IES) a responder às demandas impostas por essa maior interação cultural, econômica e política. Nesse processo, outro fato de

relevância foi a Conferência Mundial sobre Ensino Superior, que ocorreu em 1998 onde mais de 180 países da UNESCO se reuniram em Paris para discutir fatores sobre a educação na Declaração Mundial sobre a Educação Superior no século XXI: Visão e Ação. Dentre as cláusulas aprovadas a respeito da educação, definiram-na como um bem público (art. 14). No artigo 15 especifica sobre compartilhar conhecimentos teóricos e práticos entre países e continentes, afirmando que a dimensão internacional deve estar presente nos planos curriculares e nos processos de ensino e aprendizagem. (Declaração Mundial sobre a Educação Superior no século XXI, 1998)

A internacionalização pode ser expressa de várias maneiras e por ser um assunto muito abrangente, possui vários conceitos e aplicabilidades. A internacionalização do ensino tem como maior expressão a mobilidade acadêmica por meio dos acordos entre as IES. No entanto, possui outros modos, como as pesquisas e publicações conjuntas. É um processo que cada vez mais tem se tornado de extrema importância não somente para as Universidades, como para os estudantes e países também. Dentre os conceitos apresentados, as pesquisas revelam que:

A mobilidade acadêmica é um processo que ocorre quando um estudante de uma instituição de nível superior realiza estudos em outra instituição, possibilitando que estes estudos sejam reconhecidos em sua instituição de origem (CENERINO; SILVA, 2008, p. 3).

A vivência e conhecimento de outras culturas se tornam um diferencial, à medida em que o estudante desenvolve a empatia para respeitar as diferenças culturais. Esse embasamento multicultural possibilita desenvolver habilidades técnicas e competências de um modo mais amplo e de maneiras diferentes. A internacionalização do ensino superior é a transferência de conhecimento de um país ao outro, através de políticas e acordos de cooperação entre os sistemas acadêmicos, que possibilita aos estudantes compreender as adversidades e enfrentar os desafios desse ambiente globalizado. Diante da variedade de interpretações acerca da internacionalização, ela pode ser entendida como “um processo de diálogo (trabalhos conjuntos, cooperação, intercâmbio, conflitos e problemas surgidos) com outras universidades ou organizações variadas (empresas, governos, agências internacionais, ONGs) do mundo exterior” (LAUS, 2012 P. 83).

Por fim, a internacionalização do ensino não se restringe somente à transferência de conhecimentos do meio acadêmico, mas também de hábitos e costumes culturais, pensamentos e ideias diferentes, vivência de novos desafios, de progresso profissional individual e a possibilidade de “enxergar fora da caixa”.

Importância da internacionalização para as IES e estudantes

As universidades sempre tiveram um papel importante na sociedade, como uma forma de integrar a diversidade e, com a globalização, isto se torna ainda mais evidente e necessário. Como um ambiente de desenvolvimento pessoal, as IES tiveram que se adaptar com a dinâmica de internacionalização para se manterem competitivas e poderem oferecer aos acadêmicos um aperfeiçoamento técnico e desenvolvimento em âmbito mundial, deixando-os ainda mais preparados para lidar com a complexidade e volatilidade do mercado.

Como importância das universidades, estudos apontam que a universidade “constitui-se em um universo cultural, que abriga a universalidade e a multiplicidade de visões de mundo”. (STALLIVIERI, 2002 p. 36). Percebe-se que é dever das universidades disponibilizar aos acadêmicos a oportunidade de estudar no exterior.

Além de que a internacionalização, estrategicamente é benéfica de muitas formas. Para os países, a internacionalização possibilita maior cooperação entre os mesmos, ao país receptor, a possibilidade de ter uma influência no pensamento acadêmico do outro país e ao emissor, a possibilidade de conseguir futuros profissionais mais qualificados e integrados com o mundo. Para as IES, permite, por meio desse intercâmbio, poder realizar um *benchmarking* e terem um diferencial competitivo.

No que diz respeito ao aprendizado de estudantes, pesquisas revelam que aprender e pesquisar em outros países é uma das formas mais eficientes de se adquirir conhecimento, ter perspectivas mais complexas, ampliar análises, pensar comparativamente, expandir horizontes (TEICHLER, 2004).

Internacionalização ativa e passiva

Para Lima e Maranhão 2009, a internacionalização se divide na forma passiva e ativa. A ativa dispõe de uma política institucionalizada de atração de estudantes, onde se investem expressivos recursos na divulgação dos respectivos sistemas de educação superior, situando-se principalmente em países “desenvolvidos”. Enquanto que a passiva se caracteriza nos países em que não se encontra definida uma política de envio de acadêmicos ao estrangeiro, denominam esses como “países periféricos”.

Essa dinâmica entre os países mantém um certo equilíbrio entre os sistemas educacionais, que é influenciado não somente pelo aspecto acadêmico, mas também político-cultural. Um país, em que sua cultura esteja enraizada as formas de globalização, a internacionalização do ensino se torna apenas uma expressão do total, por isso a internacionalização ativa é mais evidente nos países “desenvolvidos”.

A mobilidade acadêmica apresenta uma conjugação de interesses implícitos: do lado nacional, a necessidade de criar as bases e fortalecer uma instituição formadora das elites que vão impulsionar o desenvolvimento do país e do lado dos parceiros internacionais, uma “política sistemática [...], visando à cooperação em um formato que lhes permitisse estabelecer e consolidar sua influência política e cultural sobre as elites dos países receptores” (LESSA, 2002, p.105).

Dentre os fatores que influenciam a tendência do fluxo de estudantes, se destaca a proximidade geográfica, a política, idioma, aspectos culturais. Portanto, os países necessitam dessa internacionalização do ensino superior para “equilibrar” suas desigualdades no quesito educacional e obter maior influência nos países.

Desde meados dos anos 70, o número de estudantes matriculados fora do seu país de origem mais que quadruplicou para pouco mais de 2.7 milhões (OCDE, 2009). Dados da Unesco (2009) indicam o crescimento do número de estudantes de nível superior, em que em 2007, 2,8 milhões de estudantes estão matriculados em IES fora de seu país de origem. A estimativa é que se chegue a 8 milhões em 2050. Dados de 2010 apontam que mais de três milhões de estudantes estudam fora de seus países natais (IEE, 2010 - Institute of International Education).

O estudo realizado pela IIE Center for Academic Mobility Research and Impact revela que no ano de 2016, 0,6% dos estudantes de 158 IES brasileiras realizou intercâmbio no exterior. No que se refere à internacionalização das instituições, as instituições federais e as privadas sem fins lucrativos atraem a maior parte dos estudantes estrangeiros, com 36% e 30%, respectivamente, além de realizarem o maior número de acordos internacionais, com 32% e 34%. Portugal e os Estados Unidos são os maiores destinos, representando 18% e 13 (IEE, 2017).

Essa dinâmica da internacionalização ativa e passiva se concretiza com os dados de pesquisas realizadas. Entre os países que mais recebem estudantes, estão

em primeiro lugar os Estados Unidos, seguido do Reino Unido, França, Austrália e Alemanha (UNESCO, 2014). Logo, percebe-se que os países que mais atraem os estudantes são justamente os mais desenvolvidos. No entanto, por conta de fatores políticos, geográficos e culturais, essa mobilidade estudantil permite novos destinos, como Portugal, justamente pela semelhança com o Brasil.

Processo de internacionalização no Brasil

O processo de internacionalização do ensino no Brasil se deu de forma mais lenta comparada aos outros países. Foi apenas a partir da primeira metade do século XX que surgiram as primeiras universidades. Pactos de cooperação internacional entre universidades brasileiras passaram a ser recorrentes no final do século XX, principalmente após a Segunda Guerra Mundial. No século XX iniciaram as relações com outros países, por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), para apoiar formação de mestres e doutores no exterior.

Nos anos 60, com o regime militar, houve a expansão das instituições de ensino superior e acordos bilaterais para cooperação científica e tecnológica. Nos anos 70, o processo de internacionalização definiu acordos de cooperação e fortalecimento institucional (CENERINO; SILVA, 2008; LAUS, 2006). Desde então, o processo de internacionalização das IES tem avançado nos últimos anos, com programas de mobilidade e convênios bilaterais.

Com o intuito de promover a capacitação no estrangeiro para todos, a Presidente da República, Dilma Rousseff instituiu o programa Ciência sem Fronteiras em 13 de dezembro de 2011, por meio do Decreto de Lei nº 7642 (BRASIL, 2011a), visando a utilização de até 101 mil bolsas em quatro anos para promover intercâmbio. No total, foram implementados 92.880 bolsas durante os 6 anos, resultando em uma expansão da internacionalização do ensino, não somente por meio da mobilidade acadêmica no nível superior, mas também em doutorados, mestrados. O programa foi suspenso em julho de 2016 (Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras).

No entanto, segundo uma pesquisa realizada em novembro de 2017 na CAPES, esse processo precisa avançar, porque uma tendência no Brasil é a internacionalização passiva, e esse cenário precisa mudar (www.capes.gov.br). Se torna ainda mais necessário pelo fato do Brasil ser considerado um país emergente e assim, aumentar essa atratividade no âmbito acadêmico é importante pela visibilidade, além que isso possibilita uma maior influência política-educacional em nível mundial.

Processo de internacionalização do ensino superior no estado de Goiás

O ensino superior no estado de Goiás foi dinamizado com a criação da Universidade de Goiás em 1959, hoje Pontifícia Universidade Católica de Goiás e a Universidade Federal de Goiás em 1960. Na década de 70, houve a consolidação do ensino superior, nos anos 80 a interiorização e nos anos 90 a expansão. (SILVA, 2008). A expansão no ensino superior em Goiás foi mais expressiva no período de 1997 a 2006, onde ocorreu no setor privado o aumento de 577,8% das instituições (ADORNO, 2008). Desde então, esse processo só vem aumentando. Como o Estado teve sua primeira escola apenas no século XX, de maneira isolada, a serviço de interesses nacionais, somente com o processo da globalização, começaram-se a traçar os primeiros passos da mobilidade acadêmica.

Com o programa Ciência sem Fronteiras, das 1.312 bolsas que foram dadas na região até 2006, 90% foi para graduação, no total de 1183 bolsas para graduação sanduíche no exterior (Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras, 2006). Isto demonstra, entre outros, que embora tardio, a internacionalização tem sido crescente no estado.

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

A universidade criada em outubro de 1959, sob o nome inicial de Universidade de Goiás, alterada sua denominação para Universidade Católica de Goiás em 1971. Se tornou uma Universidade de Direito Pontifício em 08 de setembro de 2009, passando assim a categoria de PUC, sendo a 7ª no Brasil e a 19ª no mundo com este título. (<http://www.cpgss.pucgoias.edu.br>)

Atualmente, conta com seus cursos em 10 escolas, com aproximadamente 24 mil alunos. São 43 cursos de graduação, 15 programas de pós-graduação Stricto Sensu (mestrados e doutorados), um doutorado interinstitucional e quase 60 cursos Lato Sensu (especializações), em todas as áreas do conhecimento (Arquidiocese de Goiânia). Em 58 anos de PUC, completados em outubro de 2017, foram 100 mil profissionais diplomados pela instituição.

Assessoria de Relações Internacionais da PUC Goiás

Em 5 de novembro de 1991, foi criada a Assessoria de Relações Internacionais (ARI), com o objetivo de fortalecer a cooperação e a interação com IES no Brasil e no Exterior e projetar a PUC Goiás nacional e internacionalmente. No entanto, somente em novembro de 1995, o documento sobre a política de relações internacionais da ARI foi elaborado e aprovado pela Reitoria (ARI, 2018).

Foram firmados, no período de 1994 a 2000, vinte e seis convênios que objetivavam programas de mobilidade de professores e estudantes e de cooperação para a realização de pesquisa conjunta. No entanto, à medida que os convênios eram firmados, não havia um processo de internacionalização da grade curricular dos cursos e dos programas de estudo. O número de alunos e professores beneficiados pelo processo de internacionalização foi bastante baixo, somente 0,25%. (ARI, 2018)

Afim de ampliar o processo de internacionalização do ensino, a instituição investiu colocando-o no seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), aprovado em 7 de dezembro de 2016. De acordo com o PDI (2017, pag. 23), a Internacionalização é um dos 12 Princípios e Valores da PUC Goiás, que envolve múltiplos agentes e interesses, abrangendo o ensino, a pesquisa e a extensão.

No período de 2013-2017, destaca-se os 100 convênios bilaterais com instituições estrangeiras de todos os continentes; parceria com o Santander Universidades que oferece 9 bolsas de estudo anuais para mobilidade internacional; participante do Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G); membro da Rede Goiana de Educação Internacional (RGEI); membro da Rede PUC BR; Membro da Federação Internacional das Universidades Católicas (FIUC); participante do Programa para o Fortalecimento da Função Pública na América Latina, da Fundación Botín (Espanha); e membro da Organização de Universidades Católicas da América Latina e do Caribe (ODUCAL).

Conforme quadro a seguir, apresenta-se os alunos de graduação da PUC GO em mobilidade em Universidades estrangeiras nos anos de 2013 a 2017:

	2013/1	2013/2	2014/1	2014/2	2015/1	2015/2	2016/1	2016/2	2017/1	2017/2
CV	23	24	30	27	24	18	14	12	17	20
CsF	27	52	21	58	-	18	-	-	-	-
TOTAL	50	76	51	85	24	36	14	12	17	20

Fonte: ARI, 2018. Obs.: CV: Convênios Bilaterais; CsF: Programa Ciências sem Fronteiras.

A seguir apresenta-se o número de alunos estrangeiros em mobilidade na PUC GO, a saber que em 2013 foram 15 alunos; 2014, 19 alunos; 2015 foram 19 alunos, 13 em 2016 e 19 em 2017, perfazendo-se um total de 94 alunos em 5 anos. (ARI, 2018)

METODOLOGIA

O estudo tem como campo da ciência caráter interdisciplinar e tem como finalidade uma pesquisa aplicada. Diante da abrangência temporal, a pesquisa tem caráter longitudinal, visto que faz a análise do processo de internacionalização no período de 5 anos, para efeito de comparação da evolução do fenômeno no período determinado.

Quanto ao objetivo, trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva estruturada como estudo de caso, visto que busca entender o processo de internacionalização do ensino superior na Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Quanto ao procedimento técnico, realizou-se uma análise a partir de pesquisas bibliográficas e documental com investigação sobre internacionalização, porque se valeu de análise de documentos internos da Assessoria de Relações Internacionais.

O local da realização da pesquisa é de campo, pois coleta dados primários a respeito da percepção dos alunos que realizaram a mobilidade acadêmica por meio de entrevistas informais e aplicação de questionário.

O número de estudantes que realizaram a mobilidade estudantil, utilizada como campo de pesquisa, possui uma população de 385 alunos, tendo como amostra um total de 193 alunos. Para o cálculo da amostra foi adotado um nível de confiança de 95% e uma precisão de 5% de margem de erro.

Com base no referencial teórico utilizado, elaborou-se um questionário que possui 19 questões, sendo a primeira parte os dados pessoais dos pesquisados, seguido pelos motivos que levaram à realização do intercâmbio, o que essa mobilidade proporciona, quais dificuldades encontradas. O questionário foi aplicado no mês de abril de 2018 por meio dos e-mails cadastrados. Utilizou-se ainda como forma complementar ao diagnóstico uma entrevista semiestruturada com o assessor de Relações Internacionais, Prof. Paulo José Gonzaga, tendo como finalidade conhecer a visão que possui sobre a internacionalização do ensino, com o intuito de contrapor os dados obtidos com os alunos a fim de responder a problemática exposta.

E por fim, um questionário aplicado aos últimos 10 alunos estrangeiros que vieram realizar a mobilidade na PUC Goiás, a fim de analisar suas percepções e motivos que o levaram a escolher esta instituição.

A coleta de dados procedeu-se por meio de questionário eletrônico, que é uma forma mais prática e segura de obter as informações, elaborado no programa Google Forms, tendo sido enviado o link de acesso ao instrumento por e-mail aos alunos. O

resultado foi tabulado fazendo-se uso de recurso estatístico e representação através de gráficos e tabelas, para interpretação e análise dos mesmos.

RESULTADOS: COLETA E ANÁLISE DE DADOS

COLETA DE DADOS: ENTREVISTA COM O ASSESSOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA PUC GOIÁS

Foi realizada entrevista com o responsável pela Assessoria de Relações Internacionais da PUC Goiás, sendo gravada e transcrita no dia 09 de abril de 2018, com roteiro semiestruturado, abordando questões relacionadas ao processo de internacionalização, vantagens e desvantagens, quais medidas a PUC Goiás tem tomado para incentivar essa mobilidade, dentre outras. Quando questionado sobre o processo de internacionalização no Brasil, tendo afirmação que:

Iniciou-se na década de 80 quando o assunto globalização passou a dominar a área de negócios [...]. No ano de 85/86, as universidades, [...] viram que não podiam ficar fora desse processo também, porque começou-se a discutir também a internacionalização de pesquisa, de currículos, de estudantes e professores.

Questionado sobre esse processo no estado de Goiás, especificamente Goiânia, ele afirma que a “Universidade Federal de Goiás, por ser uma instituição pública, começou isso primeiro aqui no Centro Oeste (...) em 84/85 (...) a PUC, que também era uma instituição grande do ensino, começou esse processo em 91”.

Posteriormente, buscou-se saber como conceituaria a internacionalização do ensino, tendo a afirmação que “É o processo em que todas as funções primordiais da instituição, o ensino, a pesquisa e a extensão, vão ser influenciadas por essa internacionalização”.

Sobre o processo de internacionalização da PUC Goiás, o assessor afirma que o mesmo consta nos planos estratégicos da atual gestão, no “plano diretor institucional que é o PDI, a partir de 2012”, que visa internacionalizar “muito além somente do ensino, pesquisa e extensão, mas também a parte técnica-administrativa”

Sobre as vantagens do processo de internacionalização, obteve-se a seguinte declaração “abre as mentes, não só da pesquisa, ensino e extensão para o que está acontecendo no mundo” e continua afirmando que com a crise econômica, política e as transformações que ocorre no mundo, “a cooperação traz muitas vantagens. (...) a troca de experiências, a troca de atividades, em termos de ensino e pesquisa, são as grandes vantagens desse processo. ”

As desvantagens relacionadas foram a “falta de estrutura, não temos alojamento para alunos estrangeiros (...) para professores estrangeiros, que possam vir para cá ficar um mês, às vezes ministrar uma aula, ministrar um *workshop*, coordenar uma pesquisa”.

Outro ponto analisado foi o que faz os alunos se motivarem para o intercâmbio, e o assessor respondeu que “é um fator de crescimento pessoal (...) traz um senso de responsabilidade (...) um benefício para o resto da vida (...) e estar numa instituição no exterior, vendo como é o processo de ensino, a matriz curricular do curso, quais as coisas novas que essa matriz traz (...). Então, isso é um grande crescimento”,

Posteriormente, foi questionado sobre quais são os principais problemas antes, durante ou até mesmo depois da realização do intercâmbio, afirmando que “o que atrapalha bastante é a falta desse segundo idioma, falta de um objetivo bem

determinado, bem definido na mente de cada um desses alunos, e o terceiro problema é a condição financeira, (...) muitas vezes o aluno desiste por uma falta de incentivo financeiro, pela falta de uma bolsa. ”

Outro quesito que buscou-se conhecer foi em relação ao número baixo de alunos que realizam a mobilidade com base nos dados previamente apresentados, em que, com 22 mil alunos, menos de 2% realizaram o intercâmbio e obteve-se a análise de que se trata da “questão financeira” e ainda o “baixo nível de fluência”.

Por último, buscou-se compreender quais as medidas a ARI tomam para estimular esse processo tendo a afirmação de que:

Como faz parte do plano desenvolvimento institucional (PDI), nós estamos tentando conversar com todas as áreas técnicas-administrativas, e principalmente a área de pesquisa, pós-graduação [...]. Além disso, de trabalhar essas estratégias externas, buscar parcerias fora, para que a gente possa ter fundos que possam ser aplicados na internacionalização. [...]. Então, temos participado de vários editais públicos, que vão fomentar o processo de internacionalização[...] e conscientizar todos (aluno, professores, funcionários do quadro técnico-administrativo) que não tem jeito de fugir desse processo.

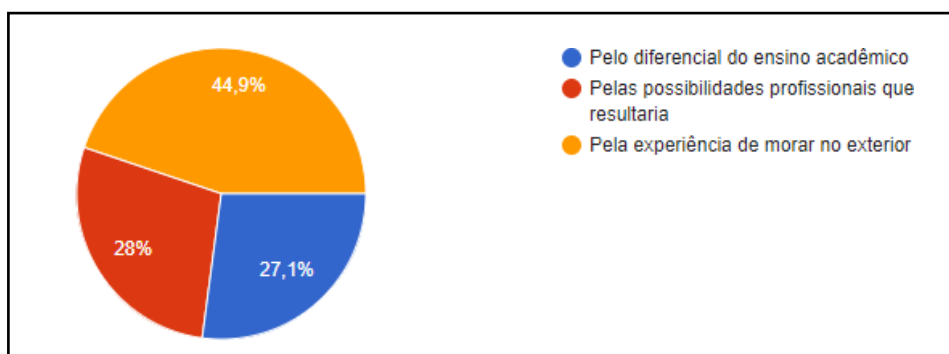
UM OLHAR DOS ALUNOS QUE REALIZARAM INTERCÂMBIO PELA PUC GOIÁS

A técnica da coleta de dados foi a pesquisa com um questionário de quinze questões objetivas, relacionadas ao perfil dos alunos e relevância da mobilidade. Utilizando o critério de acessibilidade, 107 dos 385 alunos que realizaram a mobilidade nos últimos 5 anos, realizada durante o mês de março e abril de 2018.

O perfil revela que 57% são do sexo feminino e 43% do sexo masculino; 65,4% com 21 e 24 anos quando realizou o intercâmbio e 29,9% entre 17 e 20 anos. Quanto à duração da mobilidade, 58,9% realizou 1 semestre, enquanto 20,6% ficou um ano e 20,6% mais de um ano. O período em que realizou a mobilidade, 44,9% entre o 6° ou 7° período, 30,8% entre 4° e 5° período e 19,5% entre 8° e 9° período. Quanto ao recebimento de um auxílio financeiro, 43,9% não tiveram bolsa e 56,1% com bolsa. 59,7% tiveram auxílio do Ciência sem Fronteiras, 30,6% do Santander Ibero-Americano e somente 6,5% do Santander Fórmula.

Algumas questões e respostas dos alunos no questionário estão representadas nas figuras abaixo:

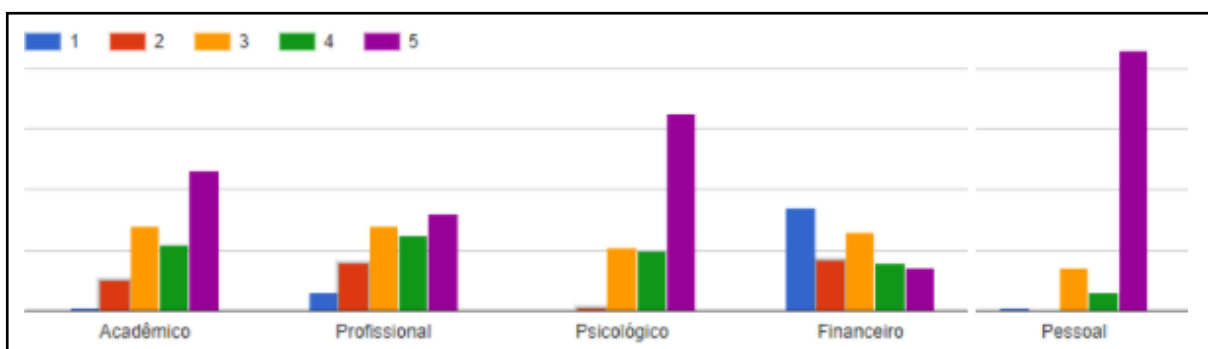
FIGURA 1- Razão que mais se aproxima do motivo pelo qual fez o intercâmbio



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.

Conforme Fig. 1, os alunos que realizaram intercâmbio relatam que um dos principais motivos pelo qual fez a mobilidade foi a experiência de morar no exterior (44,9%), enquanto que 27,1% informam que foi pelo diferencial do ensino acadêmico (27,1%) e outros pelas possibilidades profissionais que resultaria (28%).

FIGURA 2- Enumeração dos benefícios em 5 esferas que o intercâmbio possibilitou, sendo 1 a menor pontuação e 5 a maior



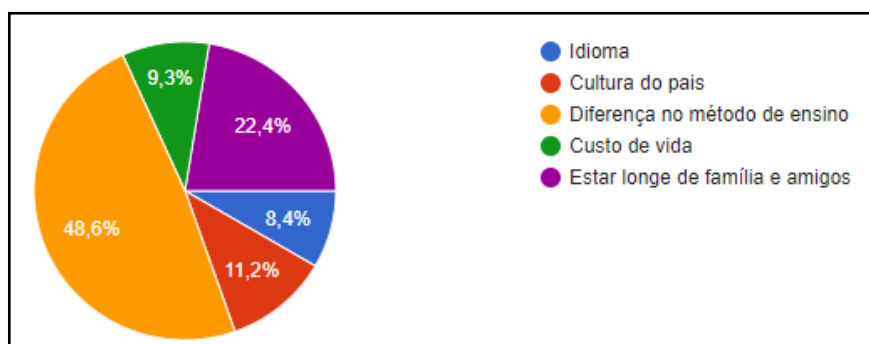
Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.

Conforme Fig. 2, os critérios que tiveram maior número máximo (5) foi o pessoal com 86 votos, psicológico com 65 votos, acadêmico com 46 e profissional 32 votos. Quanto à pontuação 4, o profissional obteve 25 votos, acadêmico 22, psicológico 20, financeiro 20, e pessoal apenas com 6 votos. E dentre os que tiveram as menores pontuações, foi o financeiro com 34 votos e profissional com 6 votos.

Quando questionados sobre o que o intercâmbio possibilita tem-se a resposta de 70,1% dos alunos acreditam que o intercâmbio possibilita conviver com pessoas de cultura diferente; 55,1% aprender ou aprimorar outros idiomas; 54,2% abranger conhecimentos acadêmicos; 53,3% viajar e conhecer outros lugares; 49,5% acredita que possibilita pensar fora da caixa; 49,9% criar novas perspectivas, 46,7% independência e somente 2,8% acredita que é viver apenas uma aventura.

Sobre as 3 principais características uma pessoa precisa ter para realizar a mobilidade 98,1% dos alunos acreditam que a pessoa precisa ter capacidade de adaptação, 79,4% inteligência emocional, 40,2% falar outros idiomas, 34,6% ter um espírito aventureiro, 25,2% condições financeiras, 15% ser muito estudioso, 12,1% possuir conhecimentos acadêmicos e somente 4,7% afirma precisar de *networking*.

FIGURA 3 - Em relação às dificuldades encontradas no processo da mobilidade



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.

Diante da Fig. 3 pode-se observar que houve uma grande diversidade nas respostas, no entanto, ainda quase metade dos alunos (48,6%) informa que a maior dificuldade encontrada foi a diferença no método de ensino, seguido por 22,14% que afirma que foi estar longe de família e amigos, 11,2% diz que é a cultura do país, 9,3% o custo de vida e 8,4% o idioma.

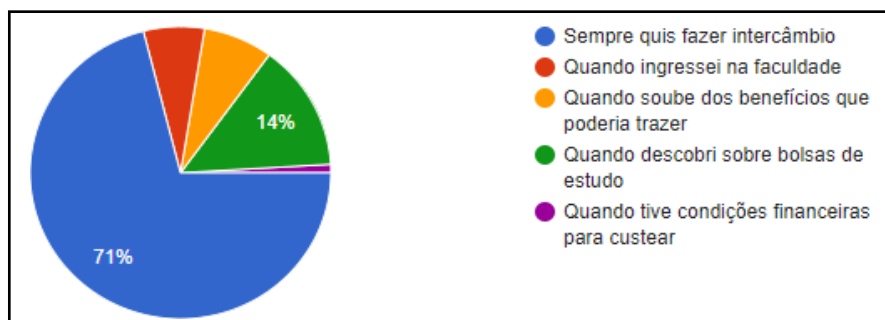
Como soube sobre a possibilidade de intercâmbio pela PUC Goiás, 45,9% dos alunos souberam da realização do intercâmbio por meio de pesquisas próprias, 30,8% soube por indicação dos alunos, 11,2% através das mídias sociais da PUC e 7,5% por meio da divulgação em eventos.

Sobre a prestatividade da Assessoria de Relações Internacionais da PUC mais da metade dos alunos (68,2%) afirma que a ARI sempre estava dispostos a ajudá-los, superando as expectativas, 16,8% informam que tiveram dificuldade para contatá-los, no entanto, tiveram as necessidades atendidas e 9,3% não precisou deles.

Em relação ao percentual de créditos aproveitados, quase metade dos alunos entrevistados (49,5%) aproveitou de 0% a 25% de aproveitamento de créditos, 19,6% tiveram de 75% a 100%, 18,7% creditaram de 25% a 50% e 12,1% de 50% a 75%.

Quanto a realização do intercâmbio 59,8% dos alunos acreditam que todos os alunos deveriam passar pela experiência de realizar um intercâmbio, enquanto que 28% acredita que somente os alunos mais abertos a novas experiências deveriam realizar e por fim 12,1% que somente os mais esforçados deveriam realizar.

FIGURA 4- Quando se interessou em realizar o intercâmbio



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora.

Conforme Fig. 4, um número expressivo de alunos (71%) sempre desejou realizar um intercâmbio, enquanto que 14% se interessaram quando soube sobre as bolsas de estudo.

Por fim, foram questionados em duas questões discursivas qual nota daria ao intercâmbio e o que poderia ter sido melhor, sendo que 53,3% deram a nota 10, 19,6% deram a nota 9, 17,7% deram nota 8, 8,4% pontuaram com nota 7 e somente 0,9% com a nota 5. Em relação ao que poderia ter sido melhor, dentre os mais comuns nas respostas foi o baixo número de disciplinas creditadas na PUC, o intercâmbio ter durado mais tempo, outros acreditam que não teria nada a melhorar e ter algum tipo de ajuda financeira.

UM OLHAR DOS ALUNOS ESTRANGEIROS EM INTERCÂMBIO NA PUC

A técnica da coleta de dados da pesquisa se constituiu pelo modelo de entrevista fechada. O questionário possui dez questões objetivas, relacionadas à relevância da realização da mobilidade; e três questões discursivas a respeito do que poderia ter sido melhor. Utilizando-se o critério de acessibilidade, 7 dos 10 alunos que

realizaram a mobilidade na PUC Goiás no último semestre, responderam o questionário, provenientes do Canadá, Espanha, México Peru e Guiana Francesa.

Em relação a razão que mais se aproxima do motivo pelo qual fez o intercâmbio, o resultado apresenta-se bastante equilibrado, 57,1% informam que o motivo pelo qual realizou o intercâmbio foi pela experiência de morar no exterior, enquanto que 42,9% pelas possibilidades profissionais que resultaria.

Quanto a enumeração dos benefícios relata o fator acadêmico e pessoal.

Sobre o que o intercâmbio possibilita, os mais relevantes, com pontuação 71,4% é aprender ou aprimorar outros idiomas, conviver com pessoas de culturas diferentes e criar novas perspectivas. Seguido por viajar e conhecer outros lugares (57,1%) e abranger conhecimentos acadêmicos com apenas 28,6%.

Quanto as 3 principais características uma pessoa precisa ter para realizar a mobilidade, a capacidade de adaptação destaca com 100% dos votos, seguido pelas de percentual 57,1% sendo essas as condições financeiras, espírito aventureiro e inteligência emocional, falar outros idiomas se apresenta com 28,6%.

Em relação às dificuldades encontradas no processo da mobilidade, o resultado apresenta-se muito equilibrado. 57,1% afirmam que a maior dificuldade é estar longe da família e amigos, enquanto que 42,9% indicam o idioma.

Como soube sobre a possibilidade de intercâmbio pela PUC Goiás, 42,9% afirmam que souberam por meio de pesquisas próprias, 42,9% por indicação da Universidade de origem e apenas 14,3% através da divulgação em eventos da Universidade.

Quanto a prestatividade da Assessoria de Relações internacionais da PUC Goiás, mais da metade dos alunos (57,1%) afirma que a ARI sempre estava dispostos a ajudá-los, superando as expectativas; 28,6% informam que tiveram dificuldade para contatá-los, no entanto tiveram suas necessidades atendidas e 14,3% quando precisou, não obteve ajuda.

A respeito do motivo pelo qual escolheu o Brasil para realizar o intercâmbio, 28,6% escolheram o Brasil pela cultura do país, 28,6% por conta da localização geográfica, 28,6% pelo diferencial profissional que resultaria e apenas 14,3% pelo diferencial acadêmico.

A respeito do motivo pelo qual escolher a PUC Goiás para realização do intercâmbio, 28,6% afirmam por ser a única opção, 28,6% pelas indicações recebidas, 28,6% pela localização demográfica e 14,3% pelo diferencial do ensino acadêmico.

Por fim, foram questionados em dois blocos em questões discursivas. Primeira, qual nota daria ao intercâmbio, tendo como resultado: 57,1% dos alunos deram a nota 10; 28,6% deram nota 8; e 14,3% nota 5. E quando questionados sobre o que poderia ser melhor, informam, principalmente, a comunicação, assim como apoio psicológico e financeiro, apoio nas aulas e segurança nas ruas. No segundo bloco, foram questionados se indicariam a PUC Goiás a um amigo e porquê, apresentando como resultado 85,7% sim e 14,3% talvez. Os que responderam que sim indicaram que gostaram muito principalmente da parte pessoal, o acolhimento e ajuda das pessoas, seguido pela qualidade da Universidade. Quanto ao que respondeu talvez, justifica-se pela condição financeira que é preciso para estudar na mesma.

ANÁLISE DOS DADOS

Norteados pelo material coletado na pesquisa com os alunos que realizaram intercâmbio, alunos estrangeiros, Assessoria de Relações Internacionais e referencial teórico realizou-se a análise de dados firmada no diálogo desses quatro pilares.

O primeiro indicador seria a motivação dos alunos para realizarem a mobilidade e assim, tanto os alunos que realizaram a mobilidade quanto os alunos estrangeiros, afirmam que a motivação foi a experiência de morar no exterior (44,9% e 57,1% respectivamente), estando de acordo com as falas do responsável pela ARI, quando relata que “essa troca de experiência, esse desejo, que vai além do desejo *glamour*, mas a experiência no exterior”. Em concordância também com os estudos desenvolvidos por Oliveira e Freitas (2016), demonstrando que as motivações pessoais são uns dos principais fatores estimulantes, em especial aquelas ligadas ao desejo de conhecer novas culturas e lugares.

Complementarmente, sobre as vantagens que a internacionalização proporciona, o assessor afirma ser um fator de crescimento pessoal, uma abertura de mentes e de uma cooperação entre as partes (ARI). Estudos afirmam que esse processo “*is one way of experiencing different views in a creative manner (...) to broaden one's horizon, to think comparatively and eventually to develop more complex perspectives*” (TEICHER, 2004), significando, permitir ampliar o horizonte, ter diferentes visões. Observa-se o alto grau de concordância no resultado de ambos questionários aplicados.

Sobre o que o intercâmbio possibilita, tanto os alunos estrangeiros quanto os da PUC Goiás, afirmam ser principalmente a convivência com pessoas de cultura diferentes, aprender outros idiomas, criar novas perspectivas, conhecer outros lugares. Teoricamente, pesquisas realizadas por diversos autores indicam o domínio de línguas estrangeiras e a vivências e compreensão com povos culturalmente diferentes (CENERINO; SILVA, 2008; LIMA, MARANHÃO 2009; STALLIVIERI, 2002). Os estrangeiros, relatam que escolheram o Brasil pela cultura, localização demográfica e o diferencial profissional que resultaria.

Outro indicador relacionado às características que o aluno precisa ter é a capacidade de adaptação, seguido pela inteligência emocional. De acordo com Stallivieri (2017), essas características desenvolvem a inteligência cultural. Segundo a autora, esse é o perfil profissional solicitado pelo mercado, uma pessoa que além dos conhecimentos específicos de sua área, também têm domínio de outros idiomas, aceitação de outras culturas, fácil adaptabilidade em outros países.

Diante das dificuldades no processo de internacionalização do ensino, os alunos estrangeiros apontaram como sendo o idioma e estar longe de família e amigos, confirmado na entrevista com a Assessoria de RI.

Quanto ao idioma, Stallivieri (2017) indica que tanto as barreiras linguísticas quanto o elevado distanciamento geoeducacional podem ser impeditivos à internacionalização, ou seja, o idioma se torna um fator decisório na escolha da realização do intercâmbio. No caso da PUC Goiás, quando o assessor relata que o número de alunos em mobilidade tem como segundo fator “o nível de fluência em um segundo idioma estrangeiro ainda ser baixo aqui no Centro Oeste”, percebe-se que de fato se torna um fator impeditivo à essa internacionalização.

Ao analisar as dificuldades apresentadas aos alunos da PUC Goiás, esses indicam a dificuldade no método de ensino, com quase 50% de votos. No entanto a dificuldade com o idioma apresenta somente 8,4%. Essa diferença se dá pelas mudanças relacionadas aos destinos dos alunos, tendo destaque Portugal, em que a proximidade linguística e cultural se torna um fator motivacional, como citado em estudos realizados por Laus (2004).

Quanto a diferença no método de ensino, interligando ao apontamento de alguns alunos na questão discursiva do que poderia ter sido melhor, outra dificuldade foi o baixo número de disciplinas creditadas (em que quase 50% dos alunos tiveram

de 0% a 25% de disciplinas creditadas). Esses dados culminam nos estudos realizados por Lima e Maranhão, e Teichler (2004) que dissertam sobre as dificuldades no processo de validação dos créditos cursados no exterior e equivalência de diplomas, além das diferenças das matrizes curriculares.

Como citado pelo assessor da PUC Goiás que um dos maiores problemas “é a condição financeira, (...) muitas vezes, o aluno desiste por uma falta de incentivo financeiro, pela falta de uma bolsa” e também expressado pelos alunos da PUC Goiás através da questão discursiva, Laus (2012) e Lima e Maranhão (2004) também demonstram em seus estudos os fatores econômicos como um fator de exclusão, em detrimento dos investimentos requeridos.

Quanto ao indicador de como soube da possibilidade de realizar o intercâmbio na PUC Goiás percebe-se que a maioria dos intercambistas se interessaram e buscaram meios para realizar esse processo de internacionalização, ou através de outros que já realizaram e difundem tal pensamento. Estudos apontam que tanto a localização geográfica do país e da instituição, quanto a influência de amigos e familiares são fatores determinantes na escolha dos destinos para realização da mobilidade (STALLIVIERI, 2017).

Esse critério de indicação/ divulgação da mobilidade estudantil é de grande importância para o crescimento desse processo, igual citado pelo assessor é preciso buscar “conscientizar todos (aluno, professores, funcionários do quadro técnico-administrativo) que não tem jeito de fugir desse processo” (ARI). Essa indicação também pode se dar da prestatividade que foi dada, em que tanto os estrangeiros (57,1%) quanto os da PUC Goiás (68,2%) afirmam ter suas expectativas superadas com os serviços prestados. Isso ajuda até mesmo na visibilidade da Universidade como um todo fora do país, visto que dos alunos estrangeiros 85,7% indicariam a PUC Goiás a um amigo, mesmo que tenham escolhido a mesmo por conta da localização geográfica, pelas indicações ou pelo fato de ser a única opção.

Por fim, percebe-se que a maioria dos alunos da PUC Goiás sempre quiseram realizar o intercâmbio (71%), que se tornou possível somente diante de uma oportunidade dada, seja de bolsas ou do investimento próprio ou familiar e mesmo diante das dificuldades que possam ter ocorrido e das adversidades em relação ao ensino ou cultura, ainda acreditam que todos os alunos deveriam passar por essa experiência (quase 60%).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado analisou a relevância do processo de internacionalização do ensino superior, a partir do estudo de caso na PUC Goiás. Diante desse mundo altamente conectado e globalizado, torna-se imprescindível a adequação tanto das IES quanto dos alunos para conseguir atender as exigências do mercado, que cada vez mais se torna complexo, incerto e exigente. Portanto, torna-se necessário internacionalizar o ensino, seja por meio de projetos internacionais, conferências, e principalmente por meio da mobilidade acadêmica.

Através da fundamentação teórica e do resultado dos questionários aplicados, trazendo uma visão dos alunos que realizaram a mobilidade acadêmica, tanto dos alunos que partiram da PUC Goiás quanto os estrangeiros que vieram realizar na mesma, complementarmente com a realização da entrevista com o assessor da ARI da PUC Goiás, puderam-se fazer uma análise bem completa e complexa acerca da internacionalização, por meio de diferentes visões.

Alcançado os objetivos iniciais propostos, torna-se importante ressaltar a importância da Internacionalização dentro das IES, embora possa ser burocrática e incerta quanto ao resultado final, tem como resultado amplos benefícios. Para o país emissor a possibilidade de ter profissionais mais qualificados e integrados com o mundo, e quanto ao país receptor a possibilidade de influência, aumentando assim a cooperação. Para as IES, permite um benchmarking e ter um diferencial competitivo.

Ressalta-se a relevância desse tema para os benefícios obtidos pelos alunos. A realização de um intercâmbio não interfere somente na parte acadêmica de um aluno, mas principalmente no pessoal- psicológica. Essa experiência de morar no exterior se torna um fator de crescimento pessoal e desenvolvimento de habilidades, como da inteligência emocional, capacidade de adaptação, conhecer outros idiomas, criar novas perspectivas, pensar comparativamente e aceitação vivência de outras culturas, possibilitando assim uma maior resiliência a um ambiente multicultural. Mesmo diante das adversidades, torna-se uma experiência para a vida.

Por fim, mesmo sendo um tema abrangente, complexo e atual, a internacionalização do ensino superior precisa ser difundida nas Universidades. É necessário criar uma cultura enraizada, tanto na parte técnico-administrativa quanto nos alunos, a respeito da importância e benefícios que esse processo resulta, para que assim todos estejam preparados para enfrentar as incertezas e diversidade desse mundo globalizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Patrícia da Silva Fernandes. A expansão das licenciaturas e da Educação Superior em Goiás: privatização, interiorização e estadualização (1997 - 2006). 88 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

ALTBACH, Philip G.; KNIGHT, Jane. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. *Journal of Studies in International Education*, v. 11, n. ¾ (Fall/Winter), p. 290-305, 2007. Disponível em: "<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1028315307303542>".

BRASIL. Decreto n. 7642, de 13 de dezembro de 2011, institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Brasília, 2011a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm>.

CABRAL, Thiago Luiz De Oliveira; SILVA, Júlio Eduardo Ornelas; SAITO, Catarina Erika. Realidade do intercâmbio e da mobilidade acadêmica na Universidade Federal de Santa Catarina. II Congresso Internacional IGLU, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/29299/6.1.pdf?sequence=1>>

CAPES, IIE realiza relatório sobre internacionalização na educação brasileira, 2017. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8645-iie-realiza-relatorio-sobre-internacionalizacao-na-educacao-brasileira>>

CENERINO, A; SILVA, O. H. A cooperação Internacional e o Processo de Internacionalização das Universidades Estaduais do Paraná. Anais XXXII Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração e áreas afins (ANPAD), Rio de Janeiro, 2008, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/APS-B801.pdf>>

CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS - Painel de Controle. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>

Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação - 1998. <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a>>

[Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html](http://www.unesco.org/pt/educacao/superior/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html)>

IIE Center for Academic Mobility Research and Impact. Higher Education and Student Mobility: A Capacity Building Pilot Study in Brazil, 2017. Disponível em :<<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/23112017-High-Education-and-Student-Mobility-Brazil-Pilot-2.pdf>>

LAUS, S. P. A internacionalização da educação superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina. Tese de doutorado da Universidade Federal Bahia, 2012. Disponível em: http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/sonia_pereira_tese_final.pdf.

LAUS, S. P. Alguns desafios postos pelo processo de internacionalização da educação superior no Brasil. 2004. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30355418.pdf>. Acesso em: 08/03/2018

LESSA, A. C. Ciência e Tecnologia nas relações Brasil-França (1964-2001). In: HOFMEISTER, Wilhelm; TREIN, Franklin (orgs.). Anuário Brasil-Europa: Relações de Cooperação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2002.

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de A. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. Revista Avaliação da Educação Superior. Campinas, São Paulo. v. 14, n. 3, 2009. Disponível em: "<http://submission.scielo.br/index.php/aval/article/view/17189/1886>"

OCDE, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Migração Internacional: A Face Humana da Globalização, 2009. Acesso em: 06 set. 2011. Disponível em: <http://www.oecd.org/insights/43568967.pdf>.

OLIVEIRA, Adriana Leonidas de; FREITAS, Maria Ester de. Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários. Educ. rev. vol.32 no.3 Belo Horizonte July/Sept. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000300217>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. Histórico da PUC GO e dados atualizados. Disponível em: <<http://sites.pucgoias.edu.br/home/institucional/>>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. Plano de desenvolvimento institucional – PDI. Série Gestão Universitária 23. Goiânia: DGE/PUC Goiás, 2017.

SILVA, Agnaldo José da. A expansão da educação superior em Goiás na interseção com as políticas públicas do governo estadual. 2008. 242 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1468/1/2008_AgnaldoJoseSilva.pdf

STALLIVIERI, L. Internacionalização e intercâmbio: dimensões e perspectivas - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?>

STALLIVIERI, L. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. Educação Brasileira, Brasília, v. 24, n. 48-49, p. 35-57, 2003. Disponível em: <http://iglu.paginas.ufsc.br/files/2014/08/SLIDES-LUCIANE.pdf>.

TEICHLER, Ulrich: The Changing debate on Internationalization of higher education. Higher Education, n o 48, p. 5-46, 2004. Disponível em: <<http://diversity.cofc.edu/journal-articles/internationalisation-of-higher-education>>

UNESCO, 2014. Países que mais atraem estudantes internacionais. Disponível em: <https://www.estudarfora.org.br/unesco-divulga-os-paises-que-mais-atraem-estudantes-internacionais/>

UNESCO, 2009. Compendio Mundial de la Educación 2009. Comparación de las estadísticas de la educación en el mundo. Québec: UNESCO, 2009.